



SEÇÃO TEMÁTICA

## Romano Guardini e a renovação da arquitetura litúrgica católica no século XX

### *Romano Guardini and the renewal of Catholic liturgical architecture in the 20th century*

Felipe Sérgio Koller\*

**Resumo:** Este artigo explora o papel do teólogo Romano Guardini na renovação da arquitetura litúrgica nas décadas que antecederam o Concílio Vaticano II, sobretudo a partir de sua proximidade com o arquiteto Rudolf Schwarz, oferecendo um panorama desta colaboração, com seu contexto, sua importância, seu significado e seus fundamentos. Em primeiro lugar, apresenta a figura de Guardini e sua relevância no catolicismo do século XX e no cenário intelectual europeu de então. Depois, aborda os primeiros desenvolvimentos de uma arquitetura religiosa moderna, em que se insere a colaboração entre Guardini e Schwarz no castelo de Rothenfels. Em seguida, aprofunda a visão da dupla a respeito da relação com a matéria, fundamento de sua abordagem para a arquitetura. Por fim, especifica o papel do corpo, da dimensão comunitária e da abertura escatológica na proposta de Schwarz para a arquitetura do espaço litúrgico. Em tudo isso, percebe-se a singularidade da interseção entre o movimento litúrgico e a arquitetura moderna no contexto dessa colaboração, bem como as possibilidades de uma ligação entre arquitetura e experiência religiosa que se situe em sintonia crítica com a linguagem e a cultura do seu tempo.

**Palavras-chave:** Movimento litúrgico. Arquitetura moderna. Espaço litúrgico. Rudolf Schwarz.

**Abstract:** This article explores the role of theologian Romano Guardini in the renewal of liturgical architecture in the decades preceding the Second Vatican Council, particularly through his collaboration with architect Rudolf Schwarz. It provides an overview of this collaboration, including its context, importance, significance, and fundamentals. Firstly, it introduces Guardini and his relevance within 20th-century Catholicism and the European intellectual scene of that era. Secondly, it discusses the initial developments of modern religious architecture, focusing on the collaboration between Guardini and Schwarz at Rothenfels Castle. The article then delves into the duo's perspective on the relationship with materiality, a fundamental aspect of their architectural approach. Lastly, it specifies Schwarz's approach to the architecture of liturgical space, highlighting the role of the body, communal dimension, and eschatological openness in his proposals. Throughout, it underscores the unique intersection between the liturgical movement and modern architecture within this collaboration, as well as the potential for a connection between architecture and religious experience that aligns critically with the language and culture of its time.

**Keywords:** Liturgical movement. Modern architecture. Liturgical space. Rudolf Schwarz.

## Introdução

A primeira metade do século XX é marcada por uma constelação de renovações e viragens em vários âmbitos da sociedade e da cultura. O catolicismo, especificamente,

---

\* Contato: [felipe@oficinadenazare.com](mailto:felipe@oficinadenazare.com) – ORCID: 0000-0003-0552-1676. Doutor em Teologia (PUC-PR, Curitiba-PR).

foi atravessado nesse período por diversas correntes que acabaram desembocando no Concílio Vaticano II (1962-1965), como os movimentos bíblico, litúrgico, patrístico e humanista (O'Malley, 2014, p. 76-93). É também nessas décadas que assistimos ao surgimento do que podemos chamar de uma arquitetura sacra moderna, que encontra na igreja de Le Raincy, construída em 1923, seu primeiro modelo (Debuyt, 1991, p. 4). Nesse cenário efervescente, tem lugar uma relação profícua entre um dos maiores nomes da teologia católica desse período e o movimento de renovação da arquitetura sacra ou litúrgica<sup>1</sup> – uma relação que tem sido revisitada em pesquisas mais recentes. Trata-se da influência de Romano Guardini (1885-1968) nesse âmbito, sobretudo a partir de sua colaboração com o arquiteto Rudolf Schwarz (1897-1961).

Este artigo oferece um panorama dessa colaboração, com seu contexto, sua importância, seu significado e seus fundamentos. Em primeiro lugar, apresenta a figura de Guardini e sua relevância no catolicismo do século XX e, mesmo, no cenário intelectual europeu de então. Depois, aborda os primeiros desenvolvimentos de uma arquitetura religiosa moderna, concomitantes à atuação de Guardini, em que se insere a sua colaboração com Schwarz no castelo de Rothenfels. Em seguida, aprofunda a visão comum de Guardini e Schwarz a respeito da relação com a matéria, fundamento de sua abordagem para a arquitetura. Por fim, especifica o papel do corpo e dos sentidos, bem como da dimensão comunitária e da abertura escatológica, na proposta de Schwarz para a arquitetura do espaço litúrgico.

## Trajetória e importância de Romano Guardini

Romano Guardini é um nome incontornável não só na história do catolicismo das décadas de 1910 a 1960, período de sua atividade, como no ambiente intelectual europeu de então. Pietro Chiocchetta (1984), escrevendo sobre as transformações no campo da espiritualidade entre o Vaticano I e o Vaticano II, destaca a contribuição de Guardini. Robert Krieg (1997) vai na mesma direção, vendo na sua abordagem sapiencial da tradição cristã e no seu estilo dialógico as razões para denominá-lo um precursor do Concílio Vaticano II. Jesús Castellano (2003, p. 225) o nomeia ao lado de Simone Weil como promotor no período entreguerras de uma espiritualidade que valora positivamente o mundo. Roger Aubert (1970, p. 435) ressalta que a sua obra se caracteriza pelo interesse por questões que estão na fronteira da teologia, interligadas com a filosofia da religião, a espiritualidade e a literatura. Piero Coda e Nicola Reali (2003, p. 41), efetivamente, designam a obra de Guardini uma “obra de fronteira”. Demonstra sua relevância também a concessão, em 1952, do Prêmio da Paz dos Editores Alemães, organizado pela Feira do Livro de Frankfurt – que mais tarde laurearia nomes como Paul Tillich, Hans Jonas e Jürgen Habermas –, e do Prêmio Erasmus, em 1962, honraria dedicada a figuras que realizaram contribuições notáveis à cultura

---

<sup>1</sup> Usaremos a partir daqui a caracterização de “litúrgica” em preferência a “sacra” para se referir à arquitetura produzida para o âmbito celebrativo cristão, pela precisão do termo em sua distinção em relação a uma arte religiosa de cunho devocional e ligada a práticas religiosas de natureza mais privada e individual.

européia – entre os laureados daquela década estão Ingmar Bergman, Marc Chagall e Martin Buber.

O interesse pela obra de Guardini se reacendeu a partir dos anos 1980, com a celebração do seu centenário, e novamente na última década, por ser identificado como um dos autores mais influentes no pensamento do papa Francisco – é citado explicitamente nas encíclicas *Lumen fidei* (2013) e *Laudato si'* (2015), nas exortações apostólicas *Evangelii gaudium* (2013) e *Christus vivit* (2019) e na carta apostólica *Desiderio desideravi* (2022), além de numerosos discursos e homilias. Após deixar o cargo de superior provincial dos jesuítas na Argentina, Jorge Mario Bergoglio mudou-se para a Alemanha em 1986 para trabalhar numa pesquisa de doutorado sobre a teoria das oposições polares de Guardini que, embora nunca defendida, foi determinante na formação do seu pensamento e do seu estilo de liderança (Ivereigh, 2015, p. 197-200; Cámara; Pfaffen, 2021, p. 192; Marquim, 2023; Borghesi, 2018, p. 110-144.). Ademais, em 2017, a arquidiocese de Munique e Freising deu início ao processo de beatificação de Guardini.

No início dos anos 1920, entretanto, enquanto a arquitetura litúrgica moderna dava seus primeiros passos, Guardini mal começava a despontar como um pensador influente na Alemanha de então. Nascido em Verona, mas crescido em Mainz, para onde sua família se mudou quando ele tinha um ano de idade e onde foi ordenado presbítero em 1910, ele vivia um período de transição. Tendo concluído sua habilitação em teologia em Bonn em 1922, foi nomeado para uma cátedra de filosofia da religião e visão de mundo católica junto à Universidade de Berlim em 1923, posição que ocupou até 1939, quando a cátedra foi dissolvida pelo regime nazista. Ao mesmo tempo, se aproximava do movimento Quickborn, que promovia grandes encontros de jovens em Rothenfels, num pequeno castelo junto ao rio Meno. Guardini havia conhecido o movimento em 1920 e logo se tornou para os participantes uma referência, uma espécie de mentor; sete anos depois, foi nomeado seu diretor nacional – também até 1939, pelas mesmas razões: a dissolução do movimento pelo regime. As décadas de 1920 e 1930 representam, assim, um primeiro período de maturidade da atuação e da obra de Guardini. No fim da II Guerra Mundial, ele já conta 60 anos de idade; lecionará ainda em Tübingen, entre 1945 e 1948, e depois em Munique, até sua aposentadoria em 1962, sempre na cátedra de filosofia da religião.

No movimento litúrgico, Guardini despontou cedo como uma de suas figuras de maior influência. O primeiro livro de sua autoria que ganhou proeminência foi precisamente um ensaio sobre liturgia, “O espírito da liturgia” (*Vom Geist der Liturgie*), publicado em 1918. Primeiro volume de uma coleção de liturgia dirigida pela abadia de Maria Laach, o texto se difundiu rapidamente e foi repetidamente reeditado nos anos seguintes. No Brasil mesmo, ganhou uma tradução já em 1942, pelo mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Guardini deu prosseguimento à sua reflexão sobre a liturgia em “Sobre o método sistemático na ciência litúrgica” (*Über die systematische Methode in der Liturgiewissenschaft*), de 1921, “Sinais sagrados” (*Von heiligen Zeichen*), de 1922, “Formação litúrgica” (*Liturgische Bildung*), de 1923, e “O mistério litúrgico” (*Vom liturgischen Mysterium*), de 1925. Outros temas terão um peso maior na obra de Guardini a partir de então, dando forma a uma produção caracterizada por um interesse bastante vasto e um cunho transdisciplinar. Essa transdisciplinaridade, porém,

garante que outros textos de Guardini tenham também um grande impacto na área da liturgia e, particularmente, da arte e da arquitetura litúrgicas, como “Cartas do lago de Como” (*Briefe vom Comer See*), publicado parte a parte entre 1923 e 1925, e depois em uma edição integral em 1927, e “Imagem de culto e imagem de devoção” (*Kultbild und Andachtsbild*), de 1937.

Esse trabalho teórico era acompanhado pela atuação junto aos movimentos juvenis. Já em 1915, à frente do grupo *Juventus*, de Mainz, Guardini fazia questão de que a missa fosse dialogada, isto é, que a assembleia de fato respondesse à oração litúrgica ou às monições da presidência com as aclamações que lhe cabem – algo incomum então, pois a assembleia era relegada a uma posição absolutamente passiva –, e que respondesse em sua própria língua, o alemão. Para Guardini, sobretudo a partir de seu envolvimento com o acompanhamento de jovens, a questão da formação do ser humano é central, e é nesta chave que entra o seu interesse pela arte e pela liturgia. Em Rothenfels, com o Quickborn, a experiência litúrgica também ocupará um papel crucial, em sua relação com questões como a forma, a materialidade, a experiência religiosa e a educação. É precisamente nesse contexto que floresce a colaboração entre Guardini e Schwarz, que se tornará um dos maiores expoentes da arquitetura litúrgica moderna.

## O desenvolvimento inicial da arquitetura litúrgica moderna

Nos desdobramentos da arquitetura entre o século XIX e o início do século XX, está em jogo algo de decisivo a respeito da abordagem que se tem em relação à cultura. Isso porque a arquitetura desse período é marcada pelo historicismo, isto é, pela tendência a tomar como modelo estilos arquitetônicos próprios de outras épocas. Assim, o neoclassicismo predomina na Europa entre 1770 e 1830, inspirando-se na Antiguidade greco-romana, ainda que não tanto com o propósito de imitação quanto com o desejo de renovação daquele espírito. Em reação ao racionalismo representado por essa corrente, no entanto, desponta o romantismo, que em vez de dar origem a um novo estilo arquitetônico ou de promover algum tipo de releitura, instaura procedimentos de classificação, decomposição, realce e composição de estilos precedentes, em chave purista ou eclética. Predominam então, ao longo do século XIX, com extensa presença na arquitetura sacra, o neogótico, o neorrenascentista, o neorromânico e o neobarroco, além da adoção de elementos estilísticos de origem mourisca, bizantina, egípcia ou de outras civilizações antigas (Koch, 1994, p. 59-63).

Em meio a essa atmosfera, começa a experimentação com novas técnicas de construção, como o concreto, o vidro e as armações de ferro. É quando essas experimentações passam a outro nível e, no século XX, dão origem a uma nova teoria estética que podemos falar em uma arquitetura moderna, que recusa a ornamentação e segue a máxima de que a forma deriva da função (Koch, 1994, p. 63). No campo da arquitetura sacra, é a igreja de Notre-Dame-du-Raincy, concebida pelo arquiteto francês Auguste Perret (1874-1954) nos arredores de Paris, a primeira a ser totalmente executada em concreto armado, seguindo os princípios da arquitetura moderna – é a primeira igreja moderna (Frade, 2007, p. 95).

Paralelamente a essa arquitetura religiosa moderna, que está se configurando a partir de princípios técnicos e artísticos, desenvolve-se o movimento litúrgico, um contexto de renovação da liturgia católica caracterizado por um conjunto de fatores – estudos teológicos, históricos e antropológicos sobre ritualidade, experimentações nas celebrações litúrgicas, iniciativas de formação tanto popular quanto acadêmica no campo da liturgia, reformas rituais empreendidas pelo papado, promoção de publicações sobre o assunto. O movimento litúrgico teve como ponto de partida o congresso de Malines, na Bélgica, em 1909, com a atuação do monge Lambert Beauduin (1873-1960). Na linha do *motu proprio* de Pio X *Tra le sollicitudini*, de 1903, o propósito do movimento litúrgico se delineou como a busca de uma vida genuinamente cristã por meio de uma liturgia celebrada com autenticidade (Neunheuser, 2007, p. 207-208).

Esse objetivo abarcou também uma releitura da relação entre arquitetura e liturgia, cunhando, inclusive, o termo “espaço litúrgico”, hoje usado correntemente para tratar do tema no âmbito do catolicismo e mesmo em outras tradições cristãs (López, 2016). Trata-se de passar de uma concepção da arquitetura religiosa como o mero ambiente que hospeda uma celebração litúrgica a uma visão em que a experiência do espaço é parte constitutiva da ação ritual. “A própria ação externa é ‘oração’, ato religioso; os tempos, os lugares, as coisas envolvidas no processo não são ‘ornamentos’, mas elementos do ato total, e assim devem ser reconhecidos”, escreve Guardini (2023, p. 216).

O encontro entre a arquitetura moderna e o movimento litúrgico acontece no castelo de Rothenfels, nos anos 1920 (Frade, 2007, p. 97). Há três comunidades que, nessa fase do movimento litúrgico, despontam como “lugares-fontes” de uma experiência ritual renovada: o grupo que se reúne na cripta da Abadia de Maria Laach, a comunidade da igreja de Santa Gertrudes, em Klosterneuburg, na Áustria, e os jovens de Rothenfels. No âmbito da renovação da arquitetura litúrgica, os dois primeiros lugares optaram por uma reconfiguração do espaço de inspiração paleocristã e românica (Debuyst, 1991, p. 28-29). Em Rothenfels, porém, encontram-se Rudolf Schwarz, arquiteto de Estrasburgo formado pela Universidade Técnica de Berlim, que também tinha estudado teologia em Bonn, e Romano Guardini, que acreditava que, na mudança epocal em curso, “nada será resolvido através do retorno a uma era passada, seja por meio de reversão ou retirada, nem mesmo por simples mudança ou melhoria”: o que é necessário é dizer “sim” ao nosso tempo (Guardini, 2024). Essas circunstâncias criaram algo único:

Observando-o de um ponto de vista mais amplo, esse encontro contém traços de absoluta singularidade para o destino do castelo e para as implicações que emergiram de sua transformação, e que se tornaram o pano de fundo para o fervor e as interrogações de então sobre o sentido da forma e o papel da técnica, sobre os movimentos e renovações que diziam respeito à liturgia católica e aos espaços adequados para acolhê-la, sobre a nova estética da arquitetura religiosa que envolvia também o mobiliário e os paramentos sacros, a qualidade da luz e a modalidade de participação nos ritos e cerimônias (Panzini, 2019, p. 32, tradução nossa).

Schwarz e Guardini se conheceram provavelmente em 1922, quando o arquiteto participou pela primeira vez de um evento em Rothenfels, ou talvez em 1923, em Berlim, onde Guardini começava a tecer relações com círculos de artistas. A partir desses primeiros diálogos, Schwarz foi nomeado, em meados de 1924, *burgbaumeister*

– arquiteto-chefe do castelo. A construção, cujas partes mais antigas remontam ao século XII, tinha sido cedida ao Quickborn em 1919 e necessitava de uma reforma. A colaboração entre Guardini e Schwarz fez com que essa tarefa se encaminhasse não como um simples restauro ou uma mera melhoria nas instalações, mas um trabalho criativo e reflexivo. As intuições de ambos foram registradas, na época, em textos publicados pelo periódico *Die Schildgenossen*, editado pelo Quickborn e do qual, também em 1924, Guardini havia se tornado codiretor (Panzini, 2019, p. 31-32).

Guardini e Schwarz não estavam interessados apenas na arquitetura litúrgica, mas em toda a configuração que o castelo iria assumindo e em como ali estava uma oportunidade de pensar a arquitetura de uma maneira nova. No âmbito propriamente litúrgico, contudo, dois espaços do castelo se tornaram um laboratório para o espaço celebrativo: a capela e a *Rittersaal* (sala dos cavaleiros), uma espécie de espaço de reunião multiuso, que acolhia celebrações litúrgicas quando o grupo era mais numeroso. Na organização de ambas as salas, Guardini e Schwarz tinham uma clara consciência da necessidade de que fossem espaços em que se sobressaísse a dimensão comunitária. Assim, tanto a capela quanto a sala dos cavaleiros foram despojadas de toda a decoração barroca, que remontava ao século XVIII, e equipadas com pequenos assentos individuais de madeira, de forma cúbica, sem encosto, pintados de preto, contrastando com as paredes agora brancas e nuas. A disposição da assembleia, desse modo, poderia variar de acordo com o uso dos espaços. Um altar junto à parede, feito de carvalho revestido com lâminas de prata, de estética moderna, passou a dominar a capela, acompanhado de um lampadário circular, com dezesseis velas, pendente do centro do cômodo. Na *Rittersaal*, para as celebrações eucarísticas, montava-se uma plataforma da altura de dois degraus e colocava-se um altar móvel, separado da parede, para que se pudesse presidir de frente para a assembleia (Panzini, 2019, p. 46-48; Debuyst, 1991, p. 29-31).

Realizados em 1928, esses foram os primeiros trabalhos concretizados de Schwarz na área de arquitetura para o espaço litúrgico, aos quais se seguiriam, em 1930, a igreja do Corpo de Cristo, em Aachen – considerada também ela um marco decisivo da arquitetura litúrgica moderna (Debuyst, 1991, p. 22) –, e dezenas de outras construções. Devastada pela II Guerra Mundial, a Alemanha foi o cenário de numerosos projetos de novas igrejas nas décadas de 1940 e 1950. Também outros arquitetos frequentaram Rothenfels e tornaram-se em seguida nomes expressivos na arquitetura litúrgica alemã e suíça: Emil Steffann (1899-1968), Fritz Metzger (1898-1973) e Hermann Baur (1894-1980). Steffann assinou, entre outras obras, a igreja de São Lourenço em Munique, “talvez a máxima síntese arquitetônica desse pensamento” (Grisi, 2019, p. 30, tradução nossa) conjugado com o movimento litúrgico. A arquitetura litúrgica, assim, desenvolveu-se nessa região de modo muito particular:

Aquilo que esses homens puderam experimentar em Rothenfels de uma maneira toda exemplar, por sua intensidade, sua coerência e o extraordinário equilíbrio aí posto pelo gênio próprio de Guardini, eles tentaram imprimir progressivamente em suas construções de igrejas paroquiais [...]. Essa é a principal razão pela qual na Alemanha e na Suíça de língua alemã o movimento das igrejas modernas andarás sempre de mãos dadas com o movimento litúrgico, uma feliz convergência que dificilmente se vê em outros países. Não é exagero dizer que as recomendações essenciais da *Constituição sobre a liturgia* de 1963 [*Sacrosanctum concilium*] a respeito do lugar de celebração foram aplicadas e vividas em Rothenfels desde 1928 – em um lugar privilegiado, sim, talvez

até mesmo elitista, mas de modo algum confidencial, e de uma espantosa solidez. É evidente que tudo isso não poderia ser aplicado senão vagarosamente à disposição das igrejas paroquiais. Porém, para os arquitetos citados, o lugar de referência existia, vivo e concreto (Debuyst, 1991, p. 31, tradução nossa).

A profundidade com que Schwarz, a partir do seu diálogo com Guardini, penetrou no tema da arquitetura litúrgica originou um dos primeiros livros sobre o tema, “A construção da igreja” (*Vom Bau der Kirche*), publicado em 1938 com prefácio de Guardini. Frédéric Debuyst (1991, p. 32) o considera a obra-prima da arquitetura de igrejas do século XX. Sua influência ultrapassou o âmbito propriamente religioso. Mies van der Rohe (1886-1969), um dos maiores nomes da arquitetura moderna, que projetou apenas uma construção religiosa, assinou o prefácio da tradução do livro para o inglês, afirmando que o texto “ilumina todo o problema da arquitetura em si mesma” e designando Schwarz “um dos pensadores mais profundos do nosso tempo” (Rohe, 1958, tradução nossa). Vale dizer que Rohe era também leitor e interlocutor de Guardini, reconhecendo em “Cartas do lago de Como” um dos livros mais impactantes para o seu modo de entender a arquitetura (Neumeyer, 2016; Faria, 2018).

### **A sensibilidade diante da matéria em Guardini e Schwarz**

Para Guardini e seu círculo, a arquitetura dizia respeito ao modo de se relacionar com a realidade que nos circunda e, portanto, estava carregada de uma densidade religiosa. É que a grande preocupação de Guardini é a formação do ser humano compreendida de maneira integral, o que exige uma postura crítica tanto diante da educação tipicamente iluminista, isto é, racionalista e individualista, quanto em relação a tentativas de restauração da situação pré-moderna, que não sabem estimar o valor de conquistas tipicamente modernas como a liberdade e a subjetividade. Para Guardini, uma formação autêntica implica a recusa do caminho da abstração e de uma interioridade fechada em si mesma, ao mesmo tempo em que exige uma espécie de centro, de medida, para tampouco se perder na dispersão das coisas exteriores (Schlobitten, 2019, p. 28-31). Segundo Yvonne Dohna Schlobitten (2019, p. 41, tradução nossa), ele vê a formação “como o amadurecimento de um certo olhar”, “uma adesão a uma certa ‘forma’ da existência, àquele ‘concreto vivente’ em que o ser humano se reconhece a si mesmo e através do qual se torna ‘humano’”.

Assim, esse que é um dos maiores nomes do movimento litúrgico interessou-se pela liturgia não enquanto um elemento puramente interno do catolicismo, um conjunto de cerimônias que fazem parte das práticas religiosas de um católico, mas porque, segundo Guardini (2023, p. 56), “a questão litúrgica é uma das mais urgentes do nosso futuro espiritual e cultural”, pois é na dimensão simbólica, poética e ritual que ele vê a possibilidade de uma formação do sujeito que o torne capaz de se relacionar com o mundo de modo não violento e verdadeiramente criativo:

Guardini advertia sobre o poder da técnica, ou melhor, da *má técnica*, e sobre o que ela poderia produzir, e convidava a buscar lugares concretos e reconhecíveis em que o habitar pudesse encontrar ao menos as semelhanças de uma domesticidade perdida, de uma *Heimlichkeit* que assumisse o caráter de uma nova consciência de identidade.

Exortava a ligarmo-nos a significados aparentemente imateriais como a beleza ou a conservação da memória. E solicitava a levarmos a sério a *poesia* que conscientemente pode ajudar o ser humano a viver no mundo complicado de então, e ainda mais hoje (Visentin, 2019, p. 46-47, tradução nossa, grifos da autora).

Esse registro poético permite que a relação com a exterioridade – o próprio corpo, as coisas e o espaço, o outro e a comunidade, a sociedade e a cultura – se dê como autoexpressão do eu e ao mesmo tempo como expressão da verdade da realidade, de modo indissociável, sem que se faça violência sobre um ou sobre outro.

Aí entra, evidentemente, a questão da arquitetura, em sua relação com a liturgia, mas não só. Para Guardini, “a paisagem e a natureza, as próprias palavras para as narrar, e frequentemente também as arquiteturas que nesses lugares conseguem se integrar, podiam e deviam ser sinais sagrados, metáforas construídas pelo segredo divino”, afirma Chiara Visentin (2019, p. 43-44, tradução nossa). Ele vê a necessidade de que a relação com a realidade se eduque para uma qualidade artesanal segundo a qual o sujeito, em vez de se impor sobre a realidade, subjugando-a a ser seu mero meio de expressão, instaura um diálogo com ela, coloca-se à sua escuta, para descobrir nela a possibilidade da revelação de sua própria identidade – uma identidade na relação –, de uma palavra sobre o mistério da existência:

O mundo objetivo com o seu espaço ilimitado [...] e sua incalculável abundância de coisas permanece uma vastidão intransponível para o ser humano [...]. Com sua potência natural de compreensão e modelagem, o ser humano não dá conta disso. [...] Dessa forma, condensa essa vastidão e confusão em algo manejável. Isso começa pelo espaço fechado e arquitetonicamente concebido. [...] Aí há então uma representação do universo, em que a incalculável plenitude exterior é selecionada e moldada pelo ser humano; o todo e cada parte é ordenado a partir do ser humano e a ele relacionado. [...] O edifício, com todas as possibilidades de expressão da massa, do espaço e das coisas, [...] [é] agora um “corpo” expandido, um meio para a alma se expressar. Há algo mais que acontece: à medida que esse ambiente cresce em tamanho e forma, supera a subordinação às necessidades funcionais e domésticas do ser humano. Ele ganha uma autonomia que confronta cada vez mais o ser humano, que passa a perceber como o objeto em si se coloca perante a ele. [...] Sente as exigências que se aproximam e que requisitam sua obediência. Corpo, vestuário e ferramentas tornam-se, facilmente, simples meios de autoexpressão para o homem, mas inserido num grande e modelado espaço e num tempo delineado, a consciência de estar sob realidades objetivas ganha tal poder que, além da vontade de expressão que brota do eu, ouve-se o chamado ao serviço que emana do objeto (Guardini, 2023, p. 94-97).

Assim, “tal espaço faz com que a nossa vida se possa edificar e movimentar, plena de sentido”, diz Guardini (2017, p. 63), de modo que “‘habitar’ significa não só perceber um espaço interior como acolhedor e funcional, mas também revestir-se emocionalmente de suas medidas, utensílios e ornamentos em seu valor intrínseco e em suas relações mútuas” (Guardini, 2023, p. 97).

Tino Grisi (2019, p. 33, tradução nossa, grifo do autor) sintetiza bem o que está em jogo: “Conseguindo revelar qualidades inauditas em objetos banais, gerando a partir da matéria bruta uma reação poética, o arquiteto plasma e dá forma ao espaço através da busca paciente pela gravidade das coisas, a fim de elevá-las a forma imaterial”. Recorrendo a palavras de Steffann, Grisi (2019, p. 32, tradução nossa) afirma que, nesse sentido, é preciso “desaprender a arquitetura para, em vez disto, satisfazer exigências verdadeiras”. “O espaço será então imagem reveladora, que não representa, não quer,



mas é; não se utiliza a técnica como meio extemporâneo de representação, mas como instrumento capaz de ativar a formação dos sujeitos e dos objetos reunidos que habitam nesse ambiente” (Grisi, 2019, p. 26, tradução nossa, grifo do autor).

As citações de Guardini nos últimos parágrafos são de “Sinais sagrados e Formação litúrgica”, textos publicados respectivamente em 1922 e 1923 e redigidos tendo em vista os jovens que frequentavam Rothenfels. É exatamente o período em que Schwarz se engaja com esse movimento. Escutamos ecos dessa abordagem, por exemplo, na preferência de Schwarz por aquilo que ele chama de preservação “interpretativa” – por alternativa a “conservativa” e “restaurativa” – nos trabalhos que envolvem patrimônio histórico: “Deve-se levar a obra antiga completamente a sério, mas não como algo de morto, e sim como algo vivo, que vive entre nós, e iniciar um diálogo com ela, ouvir o que ela tem a dizer e dizer o que nós, como pessoas vivas, temos a responder” (Schwarz, 1960, p. 93, tradução nossa).

Assim, os trabalhos de reforma do castelo de Rothenfels foram uma espécie de laboratório para uma nova abordagem em relação à arquitetura. Segundo Nicola Panzini (2019, p. 33, tradução nossa), “Schwarz se empenhou em unir os sistemas construtivos tradicionais às inovações da indústria e dos novos materiais de construção, sem se resignar à sua inexpressividade e sem voltar as costas à história, mas, ao contrário, buscando os termos de um novo código”. Desse modo, ele “contornava a obsessão pelo estilo tomando o caminho do significado matérico da construção” (Panzini, 2019, p. 35, tradução nossa). Essa abordagem já era prenunciada no pensamento de Guardini, que, por outro lado, também encontrou ocasião de aprofundamento no diálogo com Schwarz:

Aqui está o ponto de interseção entre Guardini e Schwarz. O primeiro, de fato, empregava com maestria uma “interpretação intuitiva” e uma fina sensibilidade na observação do mundo, na leitura dos acontecimentos e no sentido das coisas assumidas constantemente em sua totalidade, em sua completude orgânica. Schwarz, por sua vez, [...] privilegiava um diálogo vivo com o histórico, que permitisse interpretar a sua estrutura despojada de todo o supérfluo, colhendo a sua razão construtiva, a sua personalidade mais profunda, transferidas, através do projeto, a uma nova ordem formal (Panzini, 2019, p. 36, tradução nossa).

O trabalho arquitetônico, assim, aparece em Guardini e Schwarz a partir da sensibilidade diante da matéria, diante da realidade mesma. Nesse sentido, entende-se que a tarefa do arquiteto é a animação do mundo – não lhe inventando uma alma, mas se colocando à escuta do fenômeno original. Ele organiza o mundo, direcionando a intimidade promissora da semente rumo a uma realidade maior, identificada pela tradição cristã como o corpo de Cristo, templo da nova aliança de Deus com a humanidade (Daelemans, 2019, p. 443). Essa sensibilidade atua tanto na elaboração da matéria, no movimento de dar forma a um objeto ou a um ambiente, mas também no processo de sermos moldados por esse ambiente, pelas coisas, pela alteridade que nos circunda.

## **O corpo e a comunidade como arquitetônica do espaço litúrgico**

Essa sensibilidade basilar diante da realidade encontra nos sentidos os protagonistas tanto da educação e do conhecimento, quanto da liturgia e da arquitetura. “O que fica

em pé, ora, oferta e atua no comportamento litúrgico não é ‘a alma’, não é ‘a interioridade’, mas ‘a pessoa’. [...] A alma também, mas na medida em que anima o corpo. A interioridade, sim, mas na medida em que se manifesta no corpo”, escreve Guardini (2023, p. 58). É essa a diferença que demarca a superação da abordagem racionalista. Se “para a época moderna, sobretudo em sua fase final, ‘conhecer’ era sinônimo de ‘pensar’”, hoje “‘ver, ouvir, tocar, fazer’ parecem adquirir um significado totalmente novo” (Guardini, 1984, p. 139, tradução nossa). O corpo aparece, assim, também para Schwarz, como a sede a partir da qual se concebe e se experimenta a arquitetura, ou melhor, o simples espaço:

O edifício está fundamentado na espacialidade interna do corpo, no conhecimento de sua força expansiva, de sua estrutura, da forma do seu crescimento, da sua extensão. De fato, é através do corpo que experimentamos o edifício, com os braços que se abrem, com os pés que caminham, com os olhos que enxergam ao redor, com o ouvido e, sobretudo, com a respiração. O espaço se experimenta a modo de dança (Schwarz, 1947, p. 17, tradução nossa).

O corpo é a inteligência requerida para a ação ritual. Para Guardini e Schwarz, porém, essa consideração emerge necessariamente no plural: o que atua na liturgia são corpos, é uma comunidade reunida, uma assembleia. “A consciência do eu tem de se ampliar para um eu-comunitário, até que se tenha em mente o grande ‘nós’ como sujeito da oração”, diz Guardini (2023, p. 146). Esse “nós” das pessoas reunidas, que desenha determinada configuração no espaço mesmo que não haja edifício ou paredes, já é, para Schwarz, arquitetura litúrgica:

Uma construção não é de modo algum pensada como uma festa apenas para os olhos, mas como um espaço habitável. Habitar é diferente de ver, é algo realizado pela pessoa inteira, com o corpo, a alma e todos os sentidos; é a expansão do próprio espaço corporal para os lados e para o alto; é a comunhão com muitas pessoas em uma forma comum, uma comunhão num corpo mais elevado [...]. Para mim, a arquitetura era a criação de formas em que as pessoas possam estar juntas (Schwarz, 1960, p. 8, tradução nossa).

Assim, uma comunidade celebrante, por sua participação ativa na liturgia, toca o espaço litúrgico como se tocasse um instrumento musical, fazendo nascer formas comunitárias desse “nós” (Daelemans, 2019, p. 445). Simplesmente reunida para celebrar, a assembleia edifica no espaço o “amor fraternal formado em modo monumental” (Schwarz, 1924, p. 277, tradução nossa). Schwarz pôde conceber desse modo uma noção de espaço litúrgico dinâmica, totalmente apoiada sobre a ação da comunidade – uma ideia que ainda hoje, cem anos depois das experiências de Rothenfels, soa ousada. Debuyst (1991, p. 32, tradução nossa), que avalia positivamente a visão de Schwarz, considera esses aspectos “utópicos demais”. Bert Daelemans, que defende a pertinência da dinamicidade imaginada por Schwarz, organiza em quatro princípios a sua proposta, conforme apresentada no clássico “A construção da igreja”:

O lugar de culto é um “espaço vivo” que se desenvolve no tempo (1), segundo a “capacidade litúrgica” da comunidade (2), que se expressa em distintas configurações espaciais ou “articulações” que traduzem atitudes comunitárias diante do mistério (3), que “orienta” e envia para que o mundo se converta em Reino (4) (Daelemans, 2019, p. 440, tradução nossa).

A radicalidade da teoria de Schwarz está sobretudo em sugerir que a disposição da assembleia no espaço litúrgico não seja fixa, mas possa variar no decorrer do ano litúrgico ou segundo as diferentes propostas celebrativas. Sua intenção se baseia na fidelidade ao dinamismo do tempo e da vida e busca evitar que uma única forma esgote as possibilidades de expressão do mistério de Cristo. O espaço litúrgico se abriria, assim, através de uma sucessão orgânica de configurações comunitárias ou “estações” que simbolizam a relação da comunidade com Deus, desdobrando formas plurais dessa relação (Daelemans, 2019, p. 438).

Nesse sentido, a própria ausência de uma forma definitiva denota um estado de impermanência, de peregrinação, e identifica o “definitivo” com o plano escatológico. Isso não no intuito de esvaziar o sentido do sagrado no aqui e no agora, mas, pelo contrário, evitando identificá-lo com o mero rótulo de “sacro” ou com emblemas e representações tidos como “religiosos”. A santidade do mistério, então, não é negada – nega-se sua estaticidade, que poderia converter-se em idolatria. “A assembleia congregada dos fiéis cristãos, a *ecclesia*, encontra seu espaço não num edifício abstratamente sacro, mas num lugar santo de ação e contato, que é ao mesmo tempo radicado no lugar em que surge e orientado a uma distância, na direção da qual todos se lançam”, afirma Grisi (2019, p. 22, tradução nossa).

Se o lugar da reunião da assembleia cristã é então edificado com paredes, constituindo uma construção – possibilidade que, para Schwarz, está longe de ser obrigatória –, esse caráter de brecha, de espaço aberto, precisa continuar presente. É a leitura que Guardini faz da igreja do Corpo de Cristo em Aachen, concebida por Schwarz em 1930 e à época criticada por seu minimalismo:

Nesta igreja vive a Presença Santa. Entendo que muitos só vejam um edifício vazio. Eu os incentivaria então a entrar mais em seus próprios sentimentos. Atualmente somos incapazes de reconhecer a serena tranquilidade de planos imensos, a ampla claridade de um espaço limpo, a pura essência das formas simples. Costumamos chamar isso de “vazio”. Preferimos encher tudo de formas, objetos e imagens – do mesmo modo como não suportamos fazer silêncio. Ou esquecemos o que é fazer silêncio, e que o silêncio é parte da palavra tanto quanto o inspirar é parte do expirar? [...] Não é um vazio, é o silêncio! É no silêncio está Deus. Desde o silêncio dessas paredes enormes pode brotar um pressentimento da presença de Deus (Guardini, 1931, p. 267, tradução nossa).

Em resumo, para usar as expressões de Guardini (1938, tradução nossa) no prefácio de “A construção da igreja”, Schwarz apresentou os edifícios eclesiais como “interfaces entre o ser humano e o mundo e entre a história humana e a ação divina”, como “ilustrações daquela misteriosa procissão que o povo de Deus percorre através do tempo”, como “grandes símbolos em que o ser cristão se torna visível no tempo” e como “as formas em que esse ser se realiza ritualmente”.

## Conclusão

A colaboração entre Guardini e Schwarz é algo único no cenário do catolicismo do século XX. Só nesse caso podemos ver uma relação criativa entre um teólogo – um dos mais renomados de sua geração – e um arquiteto – que se tornaria um dos mais

importantes no campo da arquitetura sacra no pós-guerra – que levou em conta tanto os desenvolvimentos do movimento litúrgico quanto os da arquitetura moderna. Realça a relevância dessa cooperação o fato de se tratar de um teólogo com uma delicadeza bastante apurada para a técnica, a arte e a arquitetura e de um arquiteto com uma sensibilidade teológico-espiritual refinada.

É significativo que as experiências da dupla no âmbito do espaço litúrgico tenham encontrado ressonância nas orientações emanadas oficialmente pela Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II. A dimensão comunitária da liturgia, a centralidade da experiência corpórea e sensorial e até mesmo a questão da autenticidade dos materiais aparecem hoje em documentos como a “Instrução geral do Missal Romano”, que normatiza inclusive os aspectos ligados à disposição do espaço celebrativo, e a carta apostólica *Desiderio desideravi*, sobre a formação litúrgica – texto que tem em Guardini seu autor de referência. Aspectos como a presidência litúrgica *coram populo*, isto é, quando o altar é posicionado entre o presidente e a assembleia, tornaram-se habituais após o concílio, embora já fossem praticados em Rothenfels na década de 1920 ou em Munique, na igreja de São Luís, quando Guardini era capelão universitário nos anos 1950. Mesmo a abordagem doutrinal sobre o espaço celebrativo se apresenta hoje de modo muito consonante com o que o movimento litúrgico já defendia há cem anos e que atravessa todo o pensamento de Schwarz: o “Catecismo da Igreja Católica”, publicado em 1992, quando trata do “onde” da celebração litúrgica, afirma:

O culto “em espírito e verdade” (Jo 4,24) da Nova Aliança não está ligado a nenhum lugar exclusivo. Toda a terra é santa e está confiada aos filhos dos homens. O que tem primazia, quando os fiéis se reúnem num mesmo lugar, são as “pedras vivas” que se juntam para “a edificação dum edifício espiritual” (1Pd 2,4-5). O corpo de Cristo ressuscitado é o templo espiritual donde brota a fonte de água viva. Incorporados em Cristo pelo Espírito Santo, “nós somos o templo do Deus vivo” (2Cor 6,16) (“Catecismo da Igreja Católica”, 2000, n. 1179).

Além disso, o que encontramos na atividade de Guardini e Schwarz é uma profunda convergência entre determinadas aspirações da arquitetura moderna e as do movimento litúrgico. A recusa do mero ornamento, a associação entre forma e função, o enraizamento em seu próprio tempo com os seus materiais e técnicas – tudo isso são características do movimento moderno na arquitetura, mas também são princípios que o movimento litúrgico identificou como parte da linguagem da própria liturgia e buscou resgatar. Por outro lado, Schwarz protagonizou em 1953 um debate acerca das ideias veiculadas pela Bauhaus sob Walter Gropius (1883-1969), levantando críticas ao que chamou de uma abordagem racionalista, mecanicista e tecnicista (Conrads et al., 1994). Assim, na obra de Schwarz e dos outros arquitetos ligados a Rothenfels, podemos ver uma elaboração que não recusa os desdobramentos do seu tempo – ao contrário, se insere plenamente aí, plasmando a experiência religiosa a partir das formas culturais em que se vive –, mas que ao mesmo tempo se distancia criticamente de alguns desenvolvimentos encontrados no interior do campo da arquitetura moderna.

Pode-se dizer que as propostas de Guardini e Schwarz se movem no âmbito da arquitetura moderna, mas que os seus princípios não emergem das teorias sobre essa arquitetura – embora convirjam com ela em muitos sentidos. Em outras palavras, não

é dos princípios da arquitetura moderna que eles partem, tomando-os como postulados. O que aparece na sua elaboração é a afirmação de princípios teológicos, não de modo isolado, mas em constante diálogo transdisciplinar com a pedagogia, a filosofia, a antropologia e a própria arquitetura. De fato, só com essa abertura, para Guardini, seria possível navegar no campo da teologia. Precisamente aí, movendo-se na sensibilidade de seu próprio tempo, a dupla redescobre possibilidades que radicam a renovação da liturgia nas interpretações fundantes do cristianismo, como avalia Grisi:

Parece que se chega no pensamento e na ação a uma perfeita sintonia com os princípios neotestamentários do culto cristão: o verdadeiro templo é a pessoa no encontro com Cristo e é possível orar em qualquer lugar, porque é justamente a reunião entre Deus e o ser humano que santifica o espaço, que mantém assim um caráter de provisoriade, em sua orientação a um mundo em devir (Grisi, 2019, p. 25, tradução nossa).

A partir da mentoria de Guardini e com o seu tratamento do espaço litúrgico a partir do próprio corpo, da reunião da assembleia e da dinamicidade aí implicada, Schwarz oferece uma consideração da arquitetura litúrgica profunda e amadurecida, em sintonia com as linguagens do tempo presente, capaz de conectar a experiência religiosa à espacialidade e à propriocepção de modo vivo e ao mesmo tempo em consonância com as elaborações mais originárias da tradição cristã.

## Referencias

AUBERT, Roger. La théologie catholique: durant la première moitié du XXe siècle. In: VANDER GUCHT, Robert; VORGRIMLER, Herbert (dir.). Bilan de la théologie du XXe siècle. Paris: Casterman, 1970, tomo II, p. 423-478.

BORGHESI, Massimo. Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual. Petrópolis: Vozes, 2018.

CÁMARA, Javier; PFAFFEN, Sebastián. Aquel Francisco. Copenhague: Saga, 2021.

CASTELLANO CERVERA, Jesús. Teologia spirituale. In: CANOBBIO, Giacomo; CODA, Piero (org.). La teologia del XX secolo: un bilancio. Roma: Città Nuova, 2003, v. 3, p. 195-322.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CHIOCCHETTA, Pietro. La spiritualità tra Vaticano I e Vaticano II. Roma: Studium, 1984.

CODA, Piero; REALI, Nicola. Statuto e metodo della teologia. In: CANOBBIO, Giacomo; CODA, Piero (org.). La teologia del XX secolo: un bilancio. Roma: Città Nuova, 2003, v. 1, p. 11-88.

CONRADS, Ulrich; DROSTE, Magdalena; NERDINGER, Winfried; STROHL, Hilde (org.). Die Bauhaus-Debatte 1953: Dokumente einer verdrängten Kontroverse. Wiesbaden: Vieweg, 1994.

- DAELEMANS, Bert. Principios teológicos para un espacio mistagógico. *Phase*, v. 59, p. 437-460, 2019.
- DEBUYST, Frédéric. *Le renouveau de l'art sacré: de 1920 à 1962*. Paris: Mame, 1991.
- FARIA, Viviane Costa de. *Mies van der Rohe sob o olhar humanista de Romano Guardini: Residências Esters e Tugendhat*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GRISI, Tino. *Lo spazio santo: Guardini e le chiese del Novecento*. In: FABRIS, Giuliana (org.). *Romano Guardini e i suoi paesaggi*. Roma: Aracne, 2019, p. 21-35.
- GUARDINI, Romano. *Cartas do lago de Como*. Curitiba: Carpintaria, 2024 (no prelo).
- GUARDINI, Romano. *Die neuerbaute Fronleichnamskirche in Aachen*. *Die Schildgenossen*, v. 11, p. 266-268, 1931.
- GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023.
- GUARDINI, Romano. *La prédication mystagogique*. *La Maison-Dieu*, n. 158, p. 137-147, 1984.
- GUARDINI, Romano. *Sinais sagrados*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- GUARDINI, Romano. *Zum Geleit*. In: SCHWARZ, Rudolf. *Vom Bau der Kirche*. Würzburg: Werkbund-Verlag, 1938.
- IVEREIGH, Austen. *The Great Reformer: Francis and the Making of a Radical Pope*.  
Nova York: Picador, 2015.
- KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KRIEG, Robert. *Romano Guardini: a Precursor of Vatican II*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997.
- LÓPEZ ARIAS, Fernando. *Espacio litúrgico: teología y arquitectura cristiana en el siglo XX*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2016.
- MARQUIM, Gabriel. *A tradição dinâmica: o transbordamento como estratégia do papa Francisco para ultrapassar a polarização entre o depósito da fé e da vida*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023.

NEUMEYER, Fritz. Mies van der Rohe: Das Kunstlose Wort. Berlim: DOM, 2016.

NEUNHEUSER, Burkhard. História da liturgia através das épocas culturais. São Paulo: Loyola, 2007.

O'MALLEY, John W. O que aconteceu no Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2014.

PANZINI, Nicola. Le radici del lavoro di Rudolf Schwarz: identità, rinnovamento, interpretazione del castello di Rothenfels (1924-1934). *Opus*, n. 3, p. 31-48, 2019.

ROHE, Mies van der. Foreword. In: SCHWARZ, Rudolf. *The Church Incarnate: The Sacred Function of Christian Architecture*. Chicago: Henry Regnery Company, 1958.

SCHLOBITTEN, Yvonne Dohna. Romano Guardini e l'esperienza del sentire della forma. *Alpha Omega*, v. 22, n. 1, p. 21-42, 2019.

SCHWARZ, Rudolf. *Kirchenbau: Welt vor der Schwelle*. Heidelberg: F. H. Kerle Verlag, 1960.

SCHWARZ, Rudolf. Über Baukunst. *Die Schildgenossen*, v. 4, p. 273-284, 1924.

SCHWARZ, Rudolf. *Vom Bau der Kirche*. 2ª edição. Heidelberg: Lambert Schneider, 1947.

VISENTIN, Chiara. Poeticamente abita l'uomo: Guardini, il paesaggio e la poesia. In: FABRIS, Giuliana (org.). *Romano Guardini e i suoi paesaggi*. Roma: Aracne, 2019, p. 31-47.

Recebido em: 30/06/2024.

Aprovado em: 20/11/2024.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Patrícia R. Souza.